

MENOS PRECONCEITO É MAIS SAÚDE: conexão entre a ciência e o cotidiano.

Desejamos que este boletim seja o seu encontro bimestral com a Ciência, através da Divulgação Científica (DC) de temas de saúde da população LGBTQIAPN+. A DC visa popularizar o conhecimento científico, divulgando estudos e pesquisas para que os leitores possam conhecer e entender as implicações de seus resultados, tanto no contexto pessoal quanto no ambiente social.

Boa leitura a todos, todas e todes!



Caro leitor,

No Dia Nacional de Luta contra a Aids, celebrado em 1º de dezembro, convidamos você a refletir sobre a interface entre HIV/Aids e a comunidade LGBTQIAPN+. Ao longo das décadas, essa conexão tem sido marcada por desafios, mas também por lutas e conquistas que transformaram o cuidado e a prevenção. Ainda que estigmas persistam, avanços como a PrEP, a PEP e o fortalecimento de políticas públicas nos lembram que o enfrentamento ao HIV vai além da ciência – é uma luta por direitos, equidade e respeito. Que este Boletim inspire um olhar sensível, livre de preconceitos, e reforce o compromisso de todos nós em construir uma sociedade em que saúde e dignidade sejam acessíveis a todos os corpos, orientações e identidades. Boa leitura e boa luta!



VAMOS LER E REFLETIR

Nosso colaborador Bruno Reis de Oliveira aborda, nesta seção, o tema do HIV/Aids, a partir de produções científicas que exploram a sua interface com o contexto da população LGBTQIAPN+. A título explicativo, nesta seção foram mantidas as siglas de referência a essa população na forma como elas são referidas em cada um dos artigos, diferindo-se, portanto, da sigla “ampliada” que tem sido adotada na rotina de publicações deste Boletim.

HIV/Aids e população LGBT+

O encontro das expressões “HIV/Aids” e “população LGBT+” – dentro desta última, principalmente o recorte “população gay” – está historicamente cercado por estigmas, preconceitos e fatores de efetiva vulnerabilidade.

No campo dos cuidados em saúde e de vigilância epidemiológica, Calazans, Pinheiro e Ayres (2018) chamam a atenção para que, após o sucesso comemorado durante os anos 2000 da resposta do sistema de saúde brasileiro à epidemia de HIV/Aids, a partir dos anos 2010 o número de casos voltou a subir na população geral, com destaque para o aumento entre gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSH), além de usuários de drogas injetáveis e mulheres profissionais do sexo. A partir desse diagnóstico, os autores analisam as políticas de prevenção do HIV/Aids direcionadas a gays e HSH no país que, segundo seu estudo, baseiam-se em três perspectivas sobre tais políticas – a epidemiológica, a da responsabilidade preventiva e a baseada em direitos humanos e vulnerabilidade –, cuja relação de disputa, negação ou hegemonia ao longo do tempo explica, em parte, os desafios e barreiras enfrentados nessa prevenção entre o público em tela.

O estudo revela que, embora tenha havido avanços no reconhecimento da vulnerabilidade desses grupos, as políticas de prevenção enfrentam desafios, como a frágil formalização e o limitado alcance das ações. Além disso, há uma falta de diálogo contínuo entre o governo e a sociedade civil para aprimorar essas políticas de forma eficaz. O artigo destaca a necessidade de uma abordagem preventiva que inclua direitos humanos e promova um cuidado público mais abrangente, ouvindo as necessidades dos grupos afetados.

Além dos fatores de vulnerabilidade, é importante reconhecer o estigma e o preconceito nesse contexto e como eles se reforçam na sociedade. A pesquisa de Carvalho e Azevêdo (2019) busca compreender um pouco esse processo, ao analisar a evolução histórica da resposta à epidemia de HIV/Aids no Brasil, com foco no movimento LGBTI e na cobertura jornalística.

Os autores discutem a relação complexa entre o surgimento do HIV na década de 1980 e o desenvolvimento dos primeiros passos do movimento LGBTI, apontando tanto para a sua maior visibilidade quanto para a perpetuação de preconceitos sociais, especialmente a homofobia.

O texto explora o impacto das políticas de prevenção, como o uso do AZT nos primeiros tratamentos, e a introdução mais recente de medidas preventivas como a PrEP (Profilaxia Pré-Exposição) e a PEP (Profilaxia Pós-Exposição). Além disso, o artigo aborda os desafios enfrentados por esses movimentos, que tiveram que lidar com a desinformação e o preconceito disseminados por setores conservadores da mídia e da sociedade. Por fim, há uma reflexão sobre como a luta contra o HIV/Aids ajudou a fortalecer o movimento LGBTI no Brasil – e, ainda assim, permaneceram as tensões entre avanços científicos e as atitudes conservadoras e discriminatórias – destacando-se a importância do combate contínuo ao estigma e da promoção de políticas públicas inclusivas e eficazes para a saúde sexual da população LGBTI.

ENTRE VIDAS, ENTRE VISTAS



Nossa colaboradora Cláudia Nicácio, pesquisadora e professora da Escola de Governo Prof. Paulo Neves de Carvalho (EG) da Fundação João Pinheiro (FJP), conversou com Raul Nunes, criador da plataforma de podcast Preto Positivo.

Boa tarde, Raul. Muito bom ter você aqui com a gente! Você poderia se apresentar?

Boa tarde! É um prazer estar aqui. Sou Raul Nunes, 33 anos, mineiro de Nova Lima e criador do Preto Positivo, uma plataforma de podcast dedicado a informar e empoderar pessoas que vivem e convivem com o HIV. Meu trabalho foca em transformar a forma como falamos sobre HIV e sexualidade, trazendo temas relevantes para a comunidade negra e LGBTQIA+, sem tabus e com muita empatia. Também atuo como produtor, diretor criativo e assessor da Conselheira Alcielle dos Santos no Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável da Presidência da República Federativa do Brasil.

Quais são as principais formas de transmissão do HIV/AIDS?

O HIV é transmitido principalmente pelo contato com fluidos corporais como sangue, sêmen, secreções vaginais e leite materno. As vias mais comuns de transmissão são a relação sexual desprotegida, o compartilhamento de seringas ou agulhas contaminadas, e da mãe para o bebê durante a gravidez, parto ou amamentação, caso não esteja em tratamento.

Quais são os mitos comuns sobre a transmissão do HIV/AIDS?

Existem muitos mitos por aí! Um dos mais comuns é achar que o HIV se transmite por contato casual, como apertos de mão, abraços, uso compartilhado de toalhas, talheres ou até beijos. Outro mito é que só grupos específicos podem contrair o HIV, o que é uma visão completamente ultrapassada e perigosa. A informação correta é essencial para combater esses mitos e reduzir o preconceito.

Houve um aumento dos casos de HIV/AIDS a partir de 2010. Quais são as principais causas desse aumento?

Uma das causas principais é a ausência de práticas de prevenção, especialmente entre os mais jovens, que podem não ter vivido os tempos de maior alerta sobre o HIV. A falta de educação sexual inclusiva e acessível também contribui, assim como o estigma. Muita gente ainda tem receio de se testar, buscar informações ou se atualizar sobre novos métodos de prevenção e isso pode atrasar o diagnóstico e a prevenção.

Na sua visão, quais são os caminhos para a prevenção do HIV/AIDS?

Prevenção começa com informação e acolhimento! Educar e falar abertamente sobre sexualidade, consentimento, e autocuidado é essencial. Métodos como o uso de preservativos, a PrEP (profilaxia pré-exposição), e o incentivo à testagem são super importantes. Precisamos normalizar o diálogo e combater o preconceito para que as pessoas se sintam seguras para se informar e se prevenir.

Quais são os principais estigmas em relação às pessoas com HIV/AIDS?

Ainda há muitos estigmas em torno do HIV, como a ideia errada de que quem vive com o vírus é “irresponsável”, “perigoso” ou até mesmo “promíscuo”. Outro estigma é o medo de convivência com pessoas que vivem com HIV, como se fossem um risco ambulante. E também há estigmas de natureza moral, que associam o HIV à “falta de caráter”, o que é desumano e prejudica a luta contra o vírus.

Quais são os métodos de prevenção, testagem e tratamento do HIV/AIDS oferecidos pelo SUS?

O SUS oferece uma estrutura completa para a prevenção e tratamento do HIV e a AIDS. Temos acesso gratuito a preservativos, lubrificantes, à PrEP (profilaxia pré-exposição) e à PEP (profilaxia pós-exposição). Para a testagem, o SUS disponibiliza testes rápidos em muitas unidades de saúde. E para o tratamento, temos a terapia antirretroviral (TARV), que permite às pessoas viverem com o HIV de maneira saudável e reduzirem a carga viral ao ponto de não transmitirem o vírus – fora o acesso a outros médicos e terapeutas para realizar um tratamento completo e preventivo.

Mande uma mensagem para as pessoas que vivem com o HIV/AIDS.

Para todos vocês que vivem com o HIV, saibam que não estão sozinhos! Existem muitas pessoas, projetos e comunidades prontas para apoiar e compartilhar essa jornada. Viver com o HIV não define quem você é; é apenas uma parte da sua história, uma informação. E hoje, com os avanços da ciência e com o tratamento adequado, é possível viver com saúde, qualidade de vida e muito amor próprio. Estejam sempre rodeados de pessoas que respeitem e valorizem vocês, e nunca deixem de buscar seus sonhos.



FIQUE POR DENTRO

É com grande alegria que anunciamos: o Instagram do projeto Menos Preconceito é Mais Saúde já está no ar! 🎉 Agora, você pode acompanhar de perto nossa missão de promover a saúde da população LGBTQIAPN+ por meio da divulgação científica. Nosso objetivo é claro: levar informações qualificadas que reduzam preconceitos e contribuam para a melhoria da qualidade de vida de quem enfrenta barreiras no acesso aos serviços de saúde.

Lá, você encontrará conteúdos exclusivos, novidades, dicas, e muito mais! Queremos estar ainda mais próximos de você, criando um espaço de aprendizado, troca de experiências e luta contra o preconceito.

📱 Siga-nos e faça parte dessa rede que luta por equidade, inclusão e respeito! A informação é o primeiro passo para transformar realidades. Estamos ansiosos para construir essa jornada juntos! 🌈



Nos encontre em:
[@menospreconceitoemaisaude](https://www.instagram.com/menospreconceitoemaisaude)



Ficha Técnica:

Produção de conteúdo e redação: Bruno Reis de Oliveira (ESP/MG), Carlos Antonio Mesquita Neto (UFOP), Cláudia Beatriz Machado Monteiro de Lima Nicácio (FJP/MG), Maria José Nogueira (ESP/MG) e Valéria Carla Faria Amaral (Bolsista Fapemig).

Revisão: Bruno Reis de Oliveira (ESP-MG)

Realização



Parceria



Apoio



Este boletim é uma realização do projeto "Menos Preconceito, é mais saúde: divulgação científica da população LGBT", financiado com recursos da FAPEMIG.